

A globalização se escreve no plural? Reflexos da internacionalização e globalização no ensino superior

Lima Figueiredo Bené Barbosa, Karla Maria; Rocha Sampaio, Sônia Maria

Veröffentlichungsversion / Published Version

Arbeitspapier / working paper

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Lima Figueiredo Bené Barbosa, K. M., & Rocha Sampaio, S. M. (2022). *A globalização se escreve no plural? Reflexos da internacionalização e globalização no ensino superior*. (NUPRI Working Paper, 18). São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (NUPRI). <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-81845-2>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC-ND Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell-Keine Bearbeitung) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC-ND Licence (Attribution-Non Commercial-NoDerivatives). For more information see:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>



A globalização se escreve no plural?

Reflexos da internacionalização e globalização no ensino superior

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa
Sônia Maria Rocha Sampaio

Sobre as autoras:

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa

Doutoranda em Psicologia na UFBA, Membro do Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil - OVE.
É Analista Universitário da Assessoria Especial de Relações Institucionais da UEFS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2895619870327359>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6464-3756>

Sônia Maria Rocha Sampaio

Doutora em Educação, Líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil, Professora Titular do Instituto de Artes, Humanidades e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC/UFBA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8410150315315456>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9893-2321>

Editor: Daniel Oppermann



Licença Creative Commons

Atribuição + NãoComercial + SemDerivações

Essa publicação possui a licença Creative Commons CC-BY-NC-ND. Ela pode ser compartilhada por qualquer indivíduo.

Somente sem fins lucrativos.

Os argumentos e opiniões presentes neste Working Paper, assim como os gráficos, imagens, citações e referências são de exclusiva responsabilidade dos autores e não representam o pensamento dos editores, do NUPRI ou da Universidade de São Paulo.



Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais

Universidade de São Paulo

Rua do Anfiteatro 181

Colméia Favo 7

Cidade Universitária

05508-060

São Paulo, SP

Brasil

<https://www.nupri.com.br>

<https://nupri.prp.usp.br>

Resumo

A internacionalização tem sido consolidada como critério de qualidade e como recurso para que as universidades respondam às exigências de um contexto mundial dinâmico e complexo, preparando os estudantes para um mundo do trabalho sujeito a crises e mudanças. A emergência do conhecimento sem fronteiras num espaço globalizado, coloca para a educação superior imperativos de projetar progresso e prosperidade, buscar a inovação e minimizar a incerteza com vistas a um futuro melhor para todos. Entretanto, esses mesmos imperativos são produzidos dentro de estruturas políticas que, ao longo dos anos, fomentaram mais dificuldades do que soluções. Há uma enorme preocupação sobre os riscos de reproduzir as relações desiguais de poder, a ameaça de homogeneização cultural e o enfraquecimento do intercâmbio cultural, em favor de relações predominantemente econômicas ou de orientação política, que podem resultar numa perda de rumo da internacionalização do ponto de vista acadêmico e social. Neste contexto, emergem inquietações: a globalização permite o sonho de um só mundo e uma cidadania universal? Seria a globalização destrutiva de equilíbrios e identidades ou um novo horizonte de solidariedade? O que distingue globalização e internacionalização? Partindo de uma perspectiva interacionista e compreensiva, este estudo teórico e reflexivo, assume um caráter exploratório e baseia-se em recursos bibliográficos. Numa perspectiva interdisciplinar, a proposta objetiva elevar as reflexões apresentadas ao lugar do debate sobre a internacionalização e de novos caminhos para seu desenvolvimento e para a cooperação acadêmica internacional.

Palavras-chave: globalização, internacionalização, ensino superior, universidades, cooperação internacional

Introdução

O contexto atual exige das universidades a compreensão de que o futuro da educação é global e o trabalho dessas instituições seria o de ajudar a preparar o mundo do ensino superior para esta finalidade. A internacionalização tem sido consolidada como critério de qualidade e como recurso para que as universidades respondam aos desafios de um contexto mundial dinâmico e complexo, preparando os estudantes para mudanças e eventuais crises no mercado de trabalho.

A emergência do conhecimento sem fronteiras nesse mundo globalizado, coloca para a educação superior imperativos de projetar progresso e prosperidade, buscar a inovação e minimizar a incerteza com vistas a um futuro melhor para todos. Contudo, quando o debate gira em torno da globalização, há uma enorme preocupação em saber até que ponto ela acarreta perdas e riscos de reproduzir relações desiguais de poder (M. Santos 2018).

Este trabalho é parte dos nossos estudos desenvolvidos para a elaboração da tese “Novos itinerários, horizontes e fronteiras: as transições desenvolvimentais dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional” que apresenta os ganhos, mas também as polêmicas e contradições relacionadas à globalização e os efeitos que produz.

Neste cenário, surgem inquietações: a globalização permite o sonho de um só mundo e uma cidadania universal? Seria a globalização destrutiva de equilíbrios e identidades ou um novo horizonte de solidariedade? O que distingue globalização e internacionalização?

Partindo de uma perspectiva interacionista e compreensiva, este estudo teórico, reflexivo e de caráter exploratório baseia-se, fundamentalmente, em recursos bibliográficos. Numa perspectiva interdisciplinar, a proposta objetiva elevar as reflexões apresentadas ao lugar do debate sobre a internacionalização, novos caminhos para seu desenvolvimento e para a cooperação acadêmica internacional.

A globalização e suas repercussões na educação superior

A globalização não é um fenômeno recente; teve origem nos séculos XV e XVI com as grandes navegações e se consolidou nas últimas décadas do século XX (R. B. Pessoni e A. Pessoni 2021). A partir de 1980, o processo de globalização despertou a atenção para o surgimento de uma econo-

mia global (Moraes e Leal 2021), que incorporava, dentre outras características, nações de forma desigual, a desregulamentação do comércio mundial, a ascensão do capitalismo financeiro, tecnologias de comunicação que interligavam indivíduos em diferentes pontos no planeta, formação de blocos geopolíticos e agências multilaterais, manifestação de riscos ambientais globais e o surgimento de movimentos sociais voltados para a defesa de direitos humanos (Martins 2021).

Hoje, o termo globalização já está absorvido no vocabulário dos indivíduos e das instituições, utilizado para qualificar processos que ultrapassam as fronteiras nacionais, para ilustrar o progresso científico e tecnológico, ou, como sinônimo de mundialização, sociedade global, sociedade em rede e universalização (R. B. Pessoni e A. Pessoni 2021). Por esta razão, defende Martins (2021), não existe um consenso sobre o conceito do processo de globalização e sim, diferentes visões, compreensões e, também, discordâncias sobre sua cronologia e seu impacto nas sociedades contemporâneas.

O antropólogo Néstor Canclini, em seu livro “Ciudadanos reemplazados por algoritmos” (2020) apresenta que, em poucos anos, o mandato de abrir fronteiras e o fascínio de se conectar com o distante se transformaram em desejo de “desglobalização” (Canclini 2020, p. 24) que cresceu à medida que a globalização foi desacreditada, considerada culpada por ter devastado empregos e benefícios sociais, principalmente para os jovens, de reduzir a capacidade aquisitiva de salários, perdas de direitos e garantias. Através de uma análise crítica, o autor reflete os usos neoliberais das tecnologias e das redes digitais sobre as desigualdades sociais e suas implicações para o exercício da cidadania no mundo contemporâneo. Deste modo, “a única coisa que parece ter se globalizado no final é a sensação de que quase todos nós perdemos” (Canclini 2020, p. 10) ou talvez, “somos nós que sofremos todas as consequências” (Latour 2020, p. 8).

Para Santos, “a humanidade desterritorializada é apenas um mito” (M. Santos 2018, p. 42), os limites políticos e geográficos continuam atuando de forma decisiva em diferentes processos como as guerras, os movimentos migratórios, as pressões de grupos financeiros, entre outros. De acordo com o autor, “criam-se novos valores em todos os planos, uma nova ética pervasiva e operacional em face dos mecanismos da globalização” (M. Santos 2018, p. 57); afinal, o “desfalecimento das fronteiras” (M. Santos 2018, p. 42) como imperativo da globalização, permite o sonho de um só mundo e cria o mito da cidadania universal.

Nesta direção, Latour (2020) discorre sobre três

fenômenos históricos que ilustram ser inútil fingir que há um horizonte comum, em que todos os indivíduos poderiam prosperar igualmente. Como primeiro acontecimento, o autor cita o *Brexit*; o Reino Unido decide não mais jogar o jogo da globalização e se desvincula da Europa. O segundo acontecimento foi a eleição de Donald Trump e a surpresa do país que impôs ao mundo sua particular globalização, mas que confiou seu destino àquele que prometeu isolá-lo pelas fronteiras. O terceiro acontecimento histórico foi a amplificação das migrações; como resultado acumulado de guerras, desigualdades econômicas e mudanças climáticas. Desta forma, muitos países precisaram se organizar para acolher em seu solo milhões de pessoas em busca de um lugar habitável para suas famílias. Latour (2020) cita ainda, um quarto acontecimento histórico datado de 12 de dezembro de 2015, em Paris, quando foi firmado o acordo sobre o clima ao fim da conferência COP 21, momento em que os países signatários, despertaram para o fato de que se todos decidissem avançar de acordo com seus planos de modernização, seriam necessários vários planetas para atender suas expectativas de desenvolvimento (Latour 2020).

A noção do solo tão sonhado da globalização está mudando, ou melhor, desaparecendo (Latour 2020). Canclini (2020) ratifica este entendimento e, além da saída dos britânicos da União Europeia e suas fraturas em relação aos imigrantes, ao Euro e as diferentes formas de lidar com a agitação social e das caravanas de famílias migrantes, barcos lotados ou naufragados e os muros, para os “perdedores da globalização” (Canclini 2020, p. 11), o autor menciona o aquecimento global causado por todos, a necessidade de cooperação solidária para mitigá-lo e a situação dos Estados Unidos e da China, principais poluidores do planeta (Canclini 2020).

Apesar deste cenário, Canclini (2020) considera que as tecnologias digitais, associadas à globalização socioeconômica e cultural, fomentam também certezas sobre os ganhos: mais informação e entretenimento diversificado, espaços de debate e participação, acesso a bens, mensagens e serviços. De acordo com o autor, os danos gerados pela globalização parecem ser contrabalançados pela lista de novos acordos de livre comércio, como em 2019, quando a União Europeia e os países do Mercosul fecharam o maior acordo entre blocos do mundo, além de inúmeros países africanos iniciarem acordos que facilitam o livre comércio de bens e serviços para milhões de pessoas naquele continente.

As reflexões apresentadas por Canclini (2020) possibilitam novas e outras inquietações: o que esses

novos acordos trazem para as pessoas? Mais empregos ou mais precariedade? Migrações que dividem famílias nas fronteiras? Mais muros, naufrágios e campos de refugiados? Mais perdas de direitos básicos como moradia, saúde e educação? Extrativismo e descaso com a proteção da biodiversidade? O retorno da fome e do desespero para parte significativa do planeta?

Moraes e Leal (2021) consideram que existe um débito com o Terceiro Mundo, pois, na economia ou na universidade, os modelos do Norte lideram o debate, as políticas, as ações governamentais e institucionais, os mesmos também controlam o fluxo das ideias e são verdadeiros centros de exportação da modernização. De acordo com os autores, as trocas entre as nações industriais avançadas e o Terceiro Mundo são injustas e podem colaborar para a manutenção da pobreza.

Junto com a globalização das perdas, o que se globaliza – não apenas no conhecimento universitário – é a evidência de que existem várias modernidades, capitalismo, histórias e movimentos legítimos que discordam sobre as formas de conceituar o que defendem. “As interações globais os entrelaçam” (Canclini 2020, p. 26). Para Canclini (2020), é preciso um compromisso coletivo em tornar os processos mais legíveis, combinando abordagens, formas locais ou regionais que façam sentido no mundo globalizado; para isso, a solução é o pluralismo, ver o mesmo problema de vários pontos de vista, “recolher as vozes e práticas daqueles que chamamos de cidadãos, consumidores ou usuários, aqueles que deixaram de ser representados” (Canclini 2020, p. 30).

Ademais, a dinâmica do processo de globalização tem impactado o *modus operandi* da educação superior, tanto na sua configuração espacial, uma vez que não se confina mais aos territórios nacionais, quanto na cultura acadêmica das universidades (Martins 2021). Na Europa, o ensino superior, após os anos 1990, assistiu a um crescimento fenomenal da mobilidade de estudantes e professores, convênios, acordos bilaterais e divulgação de boas práticas de internacionalização entre instituições. Entretanto, a globalização desse período, não foi um fenômeno partilhado baseado no respeito pelo outro e na aprendizagem mútua, mas uma globalização hegemônica liderada pelos estadunidenses e baseada na herança europeia; promoveu a abertura global ao capital e o fechamento do poder, da cultura e da igualdade (Marginson 2021).

As universidades, como espaço de conhecimento, tiveram e continuam a ter um papel relevante nas transformações tecnológicas que propiciaram uma melhoria nas comunicações e na velocidade com

que as informações circulam pelo mundo globalizado, aproximando os povos e gerando um acelerado processo de internacionalização (R. B. Pessoni e A. Pessoni 2021).

A inquietação principal deste texto que indaga se a globalização se escreve no plural, talvez possa ser respondida quando se observa que nenhum país ou cultura possui as respostas certas e que há muito o que ser aprendido uns com os outros (Marginson 2021). Não se trata de ser contra ou a favor da globalização, e sim, de compreender se ela é capaz de manter e respeitar o maior número de possibilidades de pertencimento ao mundo (Latour 2020).

Neste ponto, também cabe refletir que, conforme o mundo se torna cada vez mais interconectado, também aumentam os riscos que todos enfrentam. Desde 2018, um novo ciclo geopolítico foi iniciado. Acompanhamos a primeira grande disputa geopolítica do século XXI - Estados Unidos e China, países que possuem a maior economia do mundo - disputam o protagonismo na economia global nas próximas décadas. Os efeitos desta disputa para os demais países, incluindo o Brasil, são ainda difíceis de mensurar. Mas é evidente que caminhamos para um mundo cada vez menos propenso à bipolaridade entre Estados Unidos e China, e sim, multipolar, considerando a relevância da Rússia e da Europa nesse cenário (Lima e Milani 2022).

Além de uma possível transição hegemônica, com o declínio dos EUA na área econômica e a elevação da China ao lugar de maior economia do mundo, observamos também novas formas de conflito, desta vez entre a Rússia e a Ucrânia, com o questionamento da Rússia acerca da legitimidade da existência da Ucrânia como Estado soberano independente e a contestação à hegemonia russa no chamado espaço pós-soviético (Serrano 2022). O que ocorrerá no cenário geopolítico internacional? Como ficarão as relações entre os países? O poder diplomático pode interferir minimizando os impactos da guerra? Essas e muitas outras inquietações não se esgotam neste texto, tão pouco teremos condições de aprofundar nossas reflexões dada a atenção que devemos ao nosso objeto de estudo. O que vem depois? Não sabemos, mas reconhecemos que o cenário se complica e, neste mundo sem fronteiras imposto pela globalização, haverá perdas econômicas, mais tensões, fragilidades e motivos de preocupação para todos.

Na atualidade, há ainda, o enfrentamento de uma grave crise sanitária. No ano de 2020 o mundo foi pego de surpresa por uma doença viral altamente contagiosa: a pandemia do novo coronavírus Sars-Cov-2 causador do Covid-19 quando cidades mundo afora se esvaziaram. O aumento do número de in-

fectados e de vítimas fatais em escala global exigiu uma mudança radical de comportamento e um isolamento social que afetou a maneira de conviver com as pessoas e de trabalhar. A pandemia, tal qual o nome indica, não parou nas fronteiras nacionais e demandou esforços coletivos para enfrentar a situação. No primeiro momento da chegada do vírus, a circulação foi restrita e sem o frenético ir e vir de pessoas e automóveis; o mundo praticamente desacelerou (Tesar 2020).

A tentativa de diminuir o contágio atingiu bruscamente o setor educacional, que decretou a suspensão das atividades acadêmicas por período indeterminado. Conforme casos do novo coronavírus foram se avolumando, governos de diversos países adotaram medidas para restringir a entrada de pessoas em seus territórios até chegar, em diversos casos, ao fechamento total de suas fronteiras. Com o governo brasileiro, em que pese suas reticências no atendimento à população, a situação não foi diferente. A primeira medida foi fechar fronteiras terrestres, depois proibindo a entrada, via aérea, de viajantes oriundos de regiões onde havia o registro de casos da doença.

Diante de uma crise que não conhece fronteiras, a cooperação internacional é mais crucial do que nunca. Esta cooperação é importante para o ambiente educacional, não apenas por causa de seu impacto sobre a mobilidade internacional, mas porque, acima de tudo, é a única forma possível de aprender de forma rápida o que funcionou no contexto da crise, por que e em que circunstâncias; também para estabelecer alianças que permitam uma ação coordenada e eficiente, encorajando a aprendizagem entre pares, promovendo a resiliência dos sistemas de ensino superior, compartilhando recursos e soluções tecnológicas; e proporcionando melhor cobertura jurídica internacional à mobilidade acadêmica (UNESCO IESALC 2020).

A propagação global da pandemia afetou severamente o desenvolvimento do ensino superior em vários aspectos, incluindo a mudança do ensino presencial para o ensino e aprendizagem online, o cancelamento de eventos físicos e atividades e a formação de um novo normal (Tesar 2020). O Covid-19 forçou todos os acadêmicos a se moverem online e o mundo inteiro se conectou. Tudo no meio acadêmico, em tempo reduzido, mudou para online e os resultados demonstraram a criatividade e a adaptabilidade das instituições de ensino superior (Tesar 2020). E embora a pandemia tenha sido um evento indesejável com efeitos destrutivos tanto para as pessoas quanto para a economia, ela proporcionou uma oportunidade única: permitiu imaginar como é possível transformar a educação de estudan-

tes - se não todo o ensino superior.

Como afirma Tesar (2020), não há dúvida de que vivemos em uma época em que nossa geração se lembrará para sempre. Usamos a linguagem de uma nova normalidade, que assumiu a novidade, mas também o medo. E assim como a globalização traz consigo uma transformação (Moraes e Leal 2021), o que há de novo nesta nova normalidade e o significado desta normalidade são algumas das questões que teremos de abordar. O caminho à frente será um desafio para a educação internacional, mas não foi sempre?

A internacionalização no ensino superior: uma herança da globalização?

A internacionalização representa um dos aspectos mais críticos de transformação do ensino superior nestas três últimas décadas (Knight 2020). Mas, o que significa internacionalização? Quais são os seus principais agentes (Oliveira Barbosa e Neves 2020)? A essas questões, somam-se novas perguntas: Qual o mais forte: globalização ou internacionalização? A internacionalização é um agente ou um reator da globalização (Knight 2014)?

Há uma dificuldade em traçar uma linha distinta entre eles, por isso, esforços são empreendidos para distinguir entre os diferentes, mas interligados processos de internacionalização e globalização do ensino superior (Wit 2011; Knight 2014). Deste modo, é prudente o afastamento dos conceitos idealistas de internacionalização e globalização, entendendo-os em seus significados puros, como meios para um fim (Brandenburg e Wit 2011).

A internacionalização do ensino superior foi concebida em termos de troca e compartilhamento de ideias, culturas, conhecimentos e valores, com relações acadêmicas formalizadas entre os países e expressas em acordos culturais e científicos bilaterais. Nos últimos cinquenta anos, a compreensão da dimensão internacional do ensino superior evoluiu; as estratégias, os programas e as políticas de internacionalização se desenvolveram em resposta à força da globalização e como um agente dela (Knight 2020); e assim, globalização e internacionalização devem ser compreendidas como fenômenos diferentes, embora sofram interlocução e sejam interdependentes (S. S. Santos e Rosa 2021). A análise do processo da internacionalização requer o conhecimento das particularidades do contexto local, das diferenças entre países, suas prio-

ridades, perspectivas, riscos e vantagens. O termo internacionalização é usado de várias maneiras, e, por esta razão, há uma certa confusão sobre o seu significado. Para alguns, representa atividades internacionais, a exemplo da mobilidade acadêmica, parcerias, projetos internacionais e iniciativas de pesquisa. Para outros, significa incluir uma dimensão internacional, intercultural e/ou global no currículo e no processo de ensino-aprendizagem. E há ainda, aqueles que compreendem os projetos de educação internacional através da aprendizagem colaborativa online usando salas de aula virtuais e estágios (Knight 2020).

Enquanto a globalização impulsionada para a busca do crescimento econômico (R. B. Pessoni e A. Pessoni 2021) influencia as ações da internacionalização devido ao fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e ideias que cruzam as fronteiras (S. S. Santos e Rosa 2021); a internacionalização implica desenvolver atividades além-fronteiras, (R. B. Pessoni e A. Pessoni 2021) deve ser compreendida como relações econômicas, políticas e culturais realizadas entre os países e suas instituições, ampliando e integrando as fronteiras (S. S. Santos e Rosa 2021).

Neste sentido, das mudanças estruturais presentes nas sociedades, a disseminação de padrões globalizados tem-se destacado como a principal marca da internacionalização (S. S. Santos e Rosa 2021). Por esta razão, o antagonismo construído entre internacionalização e globalização ignora o fato de que as atividades mais relacionadas ao conceito de globalização, a exemplo do ensino superior como uma mercadoria negociável, são cada vez mais executadas sob a bandeira da internacionalização (Brandenburg e Wit 2011). Além disso, as contradições e os dilemas associados ao processo de internacionalização das universidades suscitam questionamentos acerca dos verdadeiros beneficiários desse processo, induz a indefinições quanto ao seu papel, função e objetivos (Moraes e Leal 2021).

Um ponto importante para a compreensão da internacionalização é observá-la como um processo de mudança e não como uma ideologia; a internacionalização é um esforço contínuo, uma transformação. Nesta perspectiva, “a globalização também é um processo, ainda que diferente da internacionalização, por abordar a ideia de dimensão mundial ou global, e não a noção de relações entre países, como indica o termo internacionalização” (Knight 2020, p. 23).

A dimensão internacional da educação tem se tornado cada vez mais importante, complexa e tem sido gradativamente referenciada como critério de

qualidade e recurso para que as universidades respondam às crises e aos desafios de um contexto global, volátil e incerto (Moraes e Leal 2021); as instituições de ensino superior se veem desafiadas a tornarem-se internacionalizadas, provocadas à uma reinvenção onde predominam redes e sistemas de conhecimento globais (Oliveira Barbosa e Neves 2020).

Neste aspecto, Jane Knight, defende que a internacionalização, se não for um processo estrategicamente personalizado no contexto da instituição de ensino e do país, pode vir a perder seu rumo. A internacionalização precisa ser customizada para a situação local e, deste modo, “reconhecer a importância e singularidade do contexto local é crucial” (Knight 2020, p. 13). A autora justifica sua preocupação sobre os riscos de reproduzir relações de poder globais desiguais e comenta que alguns acordos costumam ser baseados no comércio, na economia e em interesses políticos mostrando uma mudança significativa em relação à ideia original do próprio intercâmbio acadêmico, por exemplo.

É importante o reconhecimento de que os processos de internacionalização da educação superior possuem suas peculiaridades, são caracterizados de acordo com um determinado período e afetados pelas variações regionais, sociais, culturais e econômicas, que resultam em diferentes ações (S. S. Santos e Rosa 2021). Há uma dinâmica da internacionalização, que varia conforme a geografia e a história de cada país, a posição de agente provedor ou receptor de instituições, do país de acolhimento ou de envio de estudantes, docentes, pesquisadores, ou ainda, de outras dimensões, como redes de produção de conhecimento e tecnologia (Oliveira Barbosa e Neves 2020).

O conceito de internacionalização continua a ser revisado, teorias e definições ajustadas para corresponder às novas reflexões críticas; é um fenômeno multifacetado e em evolução, compreende uma ampla gama de questões e pode ser definido de várias maneiras (Wit e Jones 2022). Desta forma, como um dos motores essenciais da mudança nos sistemas de ensino superior, a internacionalização da educação não pode ser um fim em si mesmo (Oliveira Barbosa e Neves 2020; S. S. Santos e Rosa 2021), é um processo contínuo e em andamento, relacionado com os termos internacional, intercultural e dimensão global que, em conjunto, representam a própria abrangência da internacionalização (Knight 2020). Este conceito tem sido disseminado, considerando a internacionalização como fundamental para a formação dos estudantes, produzindo conhecimento útil e gerando soluções para os desafios de um mundo global e interconectado (Knight 2011;

Knight 2020).

Estudiosos que analisam a internacionalização do ensino superior (Wit 2011; Knight 2020; Martins 2021) compartilham a visão de que esta abre oportunidades mais desejáveis do que produz perigos. Apesar de críticas sobre o desenvolvimento da internacionalização como mecanismo para imposição de valores neoliberais, ou como estratégia para a comercialização da educação e do domínio da língua inglesa (Oliveira Barbosa e Neves 2020), é cada vez mais um processo intencional e não apenas uma experiência passiva.

A internacionalização tem se fortalecido na vida acadêmica, se tornado cada vez mais presente na realidade das instituições de ensino, oportunizando o atendimento da necessidade de formação de um perfil profissional preparado para atuar em cenários de rápidas transformações, que exigem pensamento crítico e atitudes adequadas para atender às demandas de mercados internacionais (CAPES 2017; Cunha e Reschke 2016); representa uma peça-chave no ensino superior permitindo o estabelecimento de laços entre instituições de países diferentes (Araújo e Silva 2015). E, por esta razão, há muitas expectativas em torno da universidade internacionalizada, de sua contribuição para o processo de mundialização no século XXI, da sua capacidade de competição além-fronteiras pelo desenvolvimento e capacitação de bons profissionais e tecnologias inovadoras (Almeida 2020).

A emergência do conhecimento sem fronteiras em um mundo globalizado, confronta a educação superior com desafios sem precedentes (Araújo e Silva 2015; Cunha 2017; Martins 2021). Um desses desafios foi a conexão entre milhares de instituições espalhadas pelo mundo com as políticas educacionais de seus respectivos países, formando deste modo, um espaço transnacional de ensino superior, que compreende, de forma simultânea, os níveis local, nacional e global dessa modalidade de ensino (Martins 2021). Esses movimentos de afirmar a universidade como uma referência internacional em áreas do conhecimento e pesquisa implicam na integração da instituição em redes internacionais, no aprimoramento da infraestrutura e no estímulo aos grupos de pesquisa em áreas de ponta (Neves, Sampaio e Heringer 2018).

Deste modo, o cenário atual exige das instituições de ensino superior um senso de realidade e a compreensão de que o futuro da educação é global e o trabalho das instituições é ajudar a preparar o mundo do ensino superior para isso (Brandenburg e Wit 2011). “É desse lugar de reconhecimento da importância da educação superior que ocorrem as suas transformações” (Neves, Sampaio e Heringer

2018, p. 20); portanto, é preciso definir esse papel dentro de uma comunidade global, adotando os conceitos de sustentabilidade, de igualdade de direitos e acesso, avanço da educação e pesquisa; reafirmando, acima de tudo, o papel central das instituições de ensino.

Contudo, pairam alguns questionamentos: em que medida as instituições espalhadas pelo mundo partilham a mesma identidade no palco global? Que características reúnem as universidades internacionalizadas? Quais valores políticos favorecem o desenvolvimento da internacionalização? Para Barbosa e Neves (2020), as respostas para essas perguntas abrangem estudos sobre a ciência, a política identitária, institucional e nacional; está em compreender o funcionamento das instituições em seus contextos nacionais e nas áreas de conhecimento, conhecer os atores envolvidos e os recursos disponíveis e avaliar os modos de implementação das políticas de internacionalização em suas formas colaborativas (Oliveira Barbosa e Neves 2020).

Há novos desdobramentos da internacionalização que vêm sendo incorporados pelas instituições de ensino e seus agentes ao redor do mundo: a mobilidade de estudantes e acadêmicos foi incrementada com a mobilidade de programas e políticas, o currículo vem conquistando cada vez mais uma dimensão internacional, inovações no aprendizado à distância e *on-line* com as tecnologias de informação e comunicação, universidades estão abrindo campi em outros países, novas instituições são fundadas por parceiros internacionais, consolidação de rankings globais, diplomacia do conhecimento e programas de co-diplomação (Oliveira Barbosa e Neves 2020).

A internacionalização como conceito e estratégia evoluiu nas últimas quatro décadas (Wit e Jones 2022). Houve um aumento no número e nos tipos de iniciativas internacionais na educação superior. Hoje, se discute cidadania global, responsabilidade social, vistos e franquias educacionais, conceitos centrais para a promoção da dimensão internacional do ensino superior (Knight 2020).

A discussão atual se concentra sobre as formas de internacionalização em diferentes partes do mundo, que refletem as necessidades e prioridades locais. O que se observa, é que há um movimento crescente da internacionalização não ser considerada em termos de um paradigma ocidentalizado; a valorização de epistemologias, como as do Sul Global, permitem que a internacionalização seja mais inclusiva e abrangente. Novas e mais responsáveis formas de internacionalização estão em discussão, em especial, preocupações em torno da descolonização do currículo no ensino superior asso-

ciada à internacionalização curricular (Wit e Jones 2022).

Apesar dos esforços de muitas instituições de ensino superior para uma configuração internacional mais globalizada, dificuldades se apresentam pela desigualdade de oportunidades, fragilizando as condições de países como o Brasil perante outros países mais preparados para atingir as metas da internacionalização em nível superior (S. S. Santos e Rosa 2021). “O momento político tem deixado marcas difíceis nos ministérios da educação e das relações exteriores”, conduzindo para uma avaliação crítica da sustentabilidade das políticas institucionais de internacionalização (Oliveira Barbosa e Neves 2020, p. 35).

O que se impõe é desenvolver a consciência da importância da educação e do conhecimento para alterar esta situação de desvantagem com a implantação de políticas de internacionalização e em ações estratégicas para atrair pesquisadores estrangeiros, capacitar estudantes, técnicos e docentes no exterior, e superar a dificuldade da proficiência linguística (S. S. Santos e Rosa 2021). Os obstáculos são muitos: orçamento institucional insuficiente; falta de reconhecimento interno; número insuficiente ou inexistência de bolsas de estudo internacionais; estudantes e servidores técnicos sem proficiência em outros idiomas; falta de estrutura e liderança institucional e equipe de trabalho sem capacitação (Oliveira Barbosa e Neves 2020).

Deste modo, para De Wit e Jones (2022) a internacionalização perpetua as desigualdades nas sociedades globais, uma vez que o acesso ao ensino superior ainda está restrito a uma parcela pequena da população global, e viajar para estudar fora do país por um semestre ou mais, fica reservado a uma elite. As consequências das estratégias de internacionalização universitária que priorizam a mobilidade acadêmica, serão a desigualdade de acesso, de oportunidades e de resultados.

Superar estes obstáculos e promover mudanças para um ensino superior global mais igualitário requer mover a compreensão da internacionalização de um paradigma competitivo ocidental para uma estratégia global de cooperação, com o avanço da autonomia institucional e da liberdade intelectual crítica fundamentada na ideia de que o conhecimento é inter-conhecimento, que reconhece a pluralidade de conhecimentos heterogêneos e suas interações sustentáveis e dinâmicas.

Considerações finais

As estratégias de internacionalização representam um conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos para fazer frente ao ambiente acadêmico global. Fundamentais para a educação do século XXI, constituem um importante argumento para recriar uma nova visão educacional, contribuindo para o desenvolvimento das universidades, um meio para a integração e o diálogo de culturas.

Compreendida como possibilidade de cooperação e colaboração entre atores de instituições de diferentes países, a internacionalização quer atender às exigências do mundo atual e tem sido consolidada na educação superior como critério de qualidade e como recurso para que as instituições de ensino respondam aos desafios de um contexto dinâmico e complexo, preparando os estudantes para um mundo de mudanças e crises. Essa afirmação é facilmente compreendida pelos imperativos modernos de projetar progresso e prosperidade, buscar a inovação, minimizar a incerteza e garantir um futuro melhor.

A internacionalização do ensino superior deve se adaptar às questões e demandas do cenário global, responde a variáveis externas, desempenha um importante papel no enfrentamento de problemas, na criação de políticas, na garantia da qualidade, em modelos de financiamento, na oferta da educação como bem público e no aprendizado baseado em competências.

Com um enorme potencial para transformar as vidas de estudantes e um papel cada vez maior para a ciência através da troca de conhecimento acadêmico, a internacionalização pode ser entendida como o meio principal pelo qual as instituições de ensino superior auxiliam a garantia de melhorias em escala global, permitindo a construção de capacidades sociais e econômicas.

Com vistas a reduzir quaisquer efeitos nocivos da internacionalização é preciso haver um equilíbrio em torno dos aspectos da globalização, necessários para uma interdependência internacional saudável, para o respeito mútuo das nações e para um encontro pleno e formativo com a diversidade de ideias, conhecimentos, governos e instituições. Para que isso ocorra, além de abordar melhor as dimensões internacionais da responsabilidade social, faz-se necessário destacar a importância dos valores que sustentam e orientam a internacionalização: como a parceria, a colaboração, o benefício mútuo e a troca; o discurso e a prática da internacionalização precisam ser (re)orientados para estes valores e incorporados ao contexto local, avaliando suas demandas e

prioridades.

Referências

- Almeida, Jalcione (2020). “Internacionalização da educação/ensino superior”. Em: *Sociologias* 22 (54), pp. 9–19.
- Araújo, Emília Rodrigues e Sílvia Silva (2015). “Temos de fazer um cavalo de troia: elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior”. Em: *Revista Brasileira de Educação* 20 (60), pp. 77–98.
- Brandenburg, Uwe e Hans de Wit (2011). “The End of Internationalization”. Em: *International Higher Education* (62), pp. 15–17.
- Canclini, Néstor García (2020). *Ciudadanos reemplazados por algoritmos*. Bielefeld: Bielefeld University Press.
- CAPES (2017). *A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes*. Outubro 2017, Ministério da Educação, Brasília.
- Cunha, Maria Isabel da (2017). “Qualidade da educação superior e a tensão entre democratização e internacionalização na universidade brasileira”. Em: *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* 22 (3), pp. 817–832.
- Cunha, Maria Isabel da e Maria Janine Dalpiaz Reschke (2016). *Internacionalização da educação e mobilidade estudantil em questão*. Reunião Científica Regional da ANPED, julho de 2016, UFPR, Curitiba. URL: http://www.anedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo8_MARIA-ISABEL-DA-CUNHA-MARIA-JANINE-DALPIAZ-RESCHKE.pdf (acesso em 09/09/2022).
- Knight, Jane (2011). “Five Myths about Internationalization”. Em: *International Higher Education* (62), pp. 14–15.
- (2014). “Is internationalisation of higher education having an identity crisis”. Em: *The forefront of international higher education: A Festschrift in honor of Philip G. Altbach*. Ed. por Alma Maldonado-Maldonado e Roberta Malee Bassett. Berlin: Springer, pp. 75–87.
- (2020). *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios*. São Leopoldo: Oikos Editora.
- Latour, Bruno (2020). *Onde aterrar?* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Lima, Maria Regina Soares de e Carlos R. S. Milani (2022). *Transição de poder e disputas he-*

- gemônicas entre EUA e China: implicações para o desenho de organizações multilaterais*. Coleção de Papers 1/4, Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Rio de Janeiro. URL: <https://cebri.org/br/doc/255/transicao-de-poder-e-disputas-hegemonicas-entre-eua-e-china-implicacoes-para-o-desenho-de-organizacoes-multilaterais> (acesso em 09/09/2022).
- Marginson, Simon (2021). *Globalisation: The good, the bad and the ugly*. Working Paper 66, May 2021, Centre for Global Higher Education, Oxford. URL: <https://www.researchcghe.org/perch/resources/publications/working-paper-66.pdf> (acesso em 09/09/2022).
- Martins, Carlos Benedito (2021). “Reconfiguração do Ensino Superior em Tempos de Globalização”. Em: *Educação Sociedade* 42, pp. 1–17.
- Moraes, Mário César Barreto e Fernanda Geremias Leal (2021). “Globalização, (De)colonialidade e (Contra)hegemonia no Contexto da Internacionalização da Educação Superior: O Grito Surdo da Academia”. Em: *Revista Eletrônica de Administração* 27 (2), pp. 313–342.
- Neves, Clarissa Eckert Baeta, Helena Sampaio e Rosana Heringer (2018). “A institucionalização da pesquisa sobre ensino superior no Brasil”. Em: *Revista Brasileira de Sociologia* 6 (12), pp. 19–41.
- Oliveira Barbosa, Maria Lígia de e Clarissa Eckert Baeta Neves (2020). “Internationalization of higher education: institutions and knowledge diplomacy”. Em: *Sociologias* 22 (54), pp. 22–44.
- Pessoni, Rosemeire Bom e Arquimedes Pessoni (2021). “Internacionalização do ensino superior e a mobilidade acadêmica”. Em: *Educação (UFES)* 46 (87), pp. 1–32.
- Santos, Milton (2018). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- Santos, Suely Souza e Flávia Goulart Rosa (2021). “Internacionalização na UFBA: estratégias para inserção na educação global”. Em: *Revista Entreeideias* 10 (3), pp. 8–108.
- Serrano, Luiz Roberto (2022). *Guerra na Ucrânia: O pior está por vir*. 04/03/2022, Jornal da USP, São Paulo. URL: <https://jornal.usp.br/atualidades/guerra-na-ucrania-o-pior-esta-por-vir/> (acesso em 09/09/2022).
- Tesar, Marek (2020). “Towards a Post-Covid-19 ‘New Normality?’: Physical and Social Distancing, the Move to Online and Higher Education”. Em: *Policy Futures in Education* 18 (5), pp. 556–559.
- UNESCO IESALC (2020). *Covid-19 and higher education: Today and tomorrow: Impact analysis, policy responses and recommendations*. UNESCO. URL: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375693> (acesso em 09/09/2022).
- Wit, Hans de (2011). “Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions”. Em: *International Higher Education* 64, pp. 6–7. URL: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8556/8321> (acesso em 09/09/2022).
- Wit, Hans de e Elspeth Jones (2022). “A New View of Internationalization: From a Western, Competitive Paradigm to a Global Cooperative Strategy”. Em: *Journal of Higher Education Policy And Leadership Studies* 3 (1), pp. 142–152.